

## O lugar das Culturas Indígena e Africana na (minha) sala de aula

Talita Acrênea Nogueira Melone

Sou professora de classe, numa escola Waldorf e pública há 12 anos. Durante o meu tempo de formação no curso de Pedagogia Waldorf e em minha atuação como professora, as questões das culturas indígenas e africanas sempre tiveram seus lugares em minhas reflexões, seja como pergunta: por que, quando e como são trabalhados os mitos e lendas dos respectivos povos, seja como tentativa de inserir o conteúdo nas Épocas através das histórias, rodas rítmicas e práticas em sala de aula.

Quando eu estava no curso de formação de Pedagogia Waldorf, vez por outra alunos do curso e mesmo professores questionavam: por que não temos uma Época dedicada aos mitos indígenas e africanos, tal como temos para as mitologias egípcia, grega e até mesmo a tão longínqua Mitologia Nórdica? Eu também carregava essa pergunta comigo, pois, se estamos num país em que a alma do povo é essencialmente marcada por essas culturas, onde está o lugar delas no nosso currículo? Penso que essa é uma questão, principalmente para as escolas de ciclo básico, nas quais os alunos não terão oportunidade de vivenciar estes temas através dos conteúdos de épocas específicas (Geografia das Américas no 6º e da África, no 7º ano, por exemplo).

Busquei compreender, através do estudo do currículo e da minha relação com o tema, quais seriam os momentos mais propícios para trazer esses conteúdos com a mesma dedicação e impulso espiritual com que trabalhamos o mito judaico-cristão, por exemplo, no terceiro ano escolar e todos os outros conteúdos.

Dentre outras tentativas, tive duas experiências marcantes desde então: primeiro num quarto ano escolar (com a minha primeira classe), quando a Mitologia Nórdica é contada aos alunos, como um espelho da fase evolutiva - como os demais mitos e histórias - pela qual as crianças passam ao redor dos 10 anos de idade. Percebi que, mesmo como alguns professores colocam, que as lendas indígenas e africanas não compõem uma mitologia em si - justificando isto pela falta de sistematização das mesmas - vi paralelos entre o que conta a Mitologia Nórdica, e com isso uma abertura no currículo, e principalmente, nas crianças para absorver os mitos indígenas e africanos de forma mais intensa e não só com uma passagem na formação do nosso povo como já é sugerido. Decidi realizar uma época específica de “Mitos Indígenas e Africanos”.

Foi uma experiência única: dedicamos um caderno ao tema - tal como fazemos com as demais épocas - e trabalhei os conteúdos de forma que pudéssemos explorar a cultura oral (lendas), dança, canto fizemos movimentos de capoeira e cânticos indígenas e vivenciamos os costumes. Como conteúdo prático, vimos o que herdamos desses povos com relação à nossa LÍNGUA. Foi divertido para as crianças descobrirem quantas palavras e expressões vieram desses povos. Desenhos de Formas e molduras no caderno tiveram forte inspiração do tema. Vale lembrar que os alunos tiveram reações diversas ao conteúdo anímico. Uns diziam: "Tupã não é Deus, professora!" ou "Oxalá é coisa de macumba" (sinônimo de algo “ruim”!). Mas, também tive o caso de um aluno, cuja família era praticante de uma religião afro, que ofereceu-se para ensinar à classe uma oração de agradecimento pelo alimento, com muito ritmo e gestos bem característicos.

Na segunda classe, já no segundo ano, eu já havia planejado contar lendas, já que o tema daquela série são as Fábulas e Lendas. Porém o ano seguiu seu curso e como muitos professores sabem, acabamos suprimindo algo para “dar tempo”. Os conteúdos tradicionais foram ocupando as aulas e foi aí que um estímulo externo me despertou o impulso adormecido: fui tomada pela questão indígena dos povos Guarani-Kayowá do Mato Grosso do Sul (região Centro-Oeste), que num ato de extrema coragem e auto-

reconhecimento, negaram-se a sair de seu território - ameaçados por latifundiários-enfrentando a morte e motivando pessoas de todo o mundo a engajarem-se na luta pela demarcação de terras destes povos. Esse fato fez com que eu me religasse novamente ao tema com a pergunta: "O que EU estou fazendo na minha prática por esse e outros povos e minorias? Como levo isto para o mundo?"

Era claro que o caminho não era trazer o tema como política e conscientização para os alunos! De modo algum! Mas, o que isto tinha haver comigo, como indivíduo. Então, a questão que se desencadeou em mim, como professora, brasileira, latino-americana, foi: Levando-se em consideração que quando contamos uma lenda, mito ou conto, despertamos / alimentamos algo que a alma do indivíduo está vivenciando em dado momento de sua biografia, quando então devemos buscar paralelos na nossa cultura para os mesmos conteúdos anímicos? Quando nós, como professores waldorf, conseguimos realmente seguir a indicação de adequarmos o currículo à cultura de um povo, alimentando esta alma nativa? E que esse alimento seja subsídio para a formação plena do ser em desenvolvimento?

A partir destas reflexões, separei uma pequena época, onde contei às crianças, lendas dos povos nativos do Brasil - que foram lembradas nos anos seguintes -, fizemos belas ilustrações e pequenos textos acerca do tema. Foi marcante a identificação de alguns alunos com os personagens que "desobedecem" e que como consequência dramática de seus atos, são transformados em plantas, animais e elementos da natureza. Na lenda "Como surgiram as estrelas" (do povo Bororo) - onde curumins roubam o milho da colheita e fogem das mães subindo num galho de cipó, pendurando no céu por um beija-flor. E como consequência por cortarem o galho antes que as mães os alcançassem, fazendo com que estas caíssem na "terra", Tupã os transforma em estrelas - um dos alunos, após ouvir o conto disse: "Professora, eu sei quem são esses meninos levados: "SOMOS NÓS!". Parece um bom preâmbulo para o que se seguirá como vivência da queda do Paraíso, no terceiro ano escolar. Ao longo dos anos, fui buscando diferentes formas de me apropriar e fortalecer o meu vínculo e o dos alunos com aquilo que nos rodeia e nos identifica como povo. O que não falta, a meu ver, são oportunidades dentro do currículo da Escola Waldorf.

Para mim, o que fica mais forte é a relação do professor com o tema. Da mesma forma que muitos não têm relação direta com os mitos nórdicos, e precisam se relacionar e compreender determinadas nuances, o exercício é o mesmo em relação aos mitos indígenas e africanos. É uma busca que nos leva a descobertas, escolhas. Essa busca me faz ter a convicção de que, como professores, se seguirmos o lema pedagógico que Steiner nos legou: "Compenetra-te com capacidade de fantasia, tem coragem em relação à verdade e aguça teu sentimento para a responsabilidade anímica", conseguiremos cumprir a tarefa de nos reconhecer como membros de uma grande e diversa nação espiritual, contribuindo assim, para um mundo mais fraterno.

Talita Acrênea Nogueira Melone  
Professora da Escola Municipal Cecília Meireles  
Nova Friburgo (RJ)

Segue uma foto da lousa que acompanhou a minha época de Mitos Indígenas no 2º ano. E também e um link com um vídeo de duas atividades que a minha escola desenvolveu em parceria com o Projeto CAPES/UFF.

<https://www.youtube.com/watch?v=68zmfX-Z-j8&feature=share>

